

*O Descondicionamento da Mulher.* Elena Gianini Belotti. Editora Vozes, 1975.

Discute-se a educação de crianças como se fosse exatamente a mesma para ambos os sexos, quando é inegável que meninos e meninas são criados de maneira muito diferente. Os pais transmitem aos filhos, mesmo sem perceber, os próprios valores sobre o masculino e o feminino, e sua influência consiste talvez ainda mais no que são como homens e mulheres do que no que pensam conscientemente.

São experiências muito diversas ter um filho ou uma filha. A mãe projeta na menina o seu lado feminino, o seu próprio ser; surge como que um desdobramento de si mesma; as suas aspirações e problemas como mulher vêm-se reforçados. A sua relação com o feminino é posta em jogo.

E aí está uma relação difícil. Não há mulher que se sinta muito à vontade em seu papel de mulher, ou saiba muito bem em que este consiste. Mesmo as mulheres que não tiveram uma educação tradicional, que estudam e trabalham, que têm independência econômica, sentem que não tiveram e não têm oportunidades iguais às do homem. Há sempre ao fundo um cenário perigoso, a sua "feminilidade", ou a eficiência no trabalho sendo postas em dúvida. Há uma oposição entre o mundo masculino e o feminino, o intelectual e o sensível, o produtivo e o da alma; e há uma vaga duplicidade na mulher, ao se mover de um ao outro.

Essa oposição, que nada tem de biológica, é forjada pela cultura e perpetuada pela educação. Por que não poderiam as pessoas ser sensíveis ou ativas, doces ou agressivas, contemplativas ou voltadas para a ação, poéticas ou chelas de rigor científico, de acordo com o temperamento e não por determinação do sexo?

Ironicamente, os conceitos sobre o feminino, que acabam por limitar a personalidade da mulher, são transmitidos em larga medida pelas próprias mulheres, a cargo de quem ficam as tarefas educacionais, como mães, professoras, etc.. É como se a educação fosse considerada um trabalho feminino, de certa forma biológico, pois prepara as pessoas para a vida ativa, para a construção de obras, mas ainda assim, não passa de fase preliminar. Essa atitude já existia no século XVIII. Julie, a personagem de *La Nouvelle Héloïse*, de Rousseau, tem longas teorias sobre como educar os filhos e respeitar-lhes a

individualidade; mas como ela mesma diz, sua função é criar crianças e não formar homens.

Diz que sabe o seu lugar de mulher, que é o de preparar os filhos para receberem do pai a instrução mais séria. A sua própria instrução, portanto, não precisa ir tão longe quanto a do marido. Está sempre ocupada e não estuda mais do que uma hora por dia.

Não há nenhuma razão, porém, para que deva ser assim. Homens e mulheres deveriam receber as mesmas oportunidades de instrução e poder trabalhar em todos os níveis de ensino, creches, escolas primárias, secundárias e universidades. Se houvesse profissionais homens em jardins de infância, por exemplo, as próprias professoras acreditariam mais em seu trabalho, que não lhes pareceria tão doméstico; e para as crianças, haveria grandes vantagens em ter exemplos masculinos e femininos em volta. De todo modo, é muito mais difícil mudar as atitudes em relação ao feminino se há apenas mulheres cuidando de crianças: a segregação de papéis se perpetua, o trabalho feminino continua secundário.

#### *Do lado das meninas*

Onde começa a desvalorização da mulher? Onde e como, concretamente, a cultura é inculcada às meninas, fazendo delas seres mais presos, truncados e passivos que os meninos? Onde e quando se transformam as mulheres em adultos não plenamente realizados, em que há sempre o fantasma da "verdadeira mulher feminina", consciente ou não, que as faz se sentirem culpadas se são ativas, se se misturam ao mundo dos homens?

Não é fácil, se não somos psicólogas ou educadoras, ver como as meninas vão sendo aos poucos formadas para uma suposta feminilidade. Se uma mulher pode dizer o que sente hoje, dificilmente se lembra de experiências de infância ou tem consciência crítica de todas as atitudes em relação a filhos e filhas, tantos são os complexos afetivos aí envolvidos. Um livro básico, provavelmente dos poucos que há sobre o assunto, foi escrito há pouco por uma educadora italiana, Elena G. Belotti, e tenta avançar por esse terreno obscuro. Ela parte da observação direta de crianças pequenas, em creches, escolas e no contato com a mães. Com base em fatos e exemplos, mostra que desde cedo há, por parte dos adultos, um desejo muito maior de moldar as meninas que os meninos, de fazê-las obe-

decer, de tolher todo o excesso de vitalidade, considerado pouco feminino. Sua conclusão é que há uma porção de formas de discriminar as meninas, todas agindo no sentido de abafar a criatividade e a energia. Para isso contribui a identificação com os papéis dos adultos. As meninas seguem as mulheres, que têm muito menos vida própria que os homens, são menos independentes, estão sempre cumprindo deveres, servindo os outros e se apagando, passando a maior parte do tempo em casa, ao alcance das crianças, em tarefas que não têm o menor mistério, enquanto o mundo exterior, do trabalho, é o desconhecido e a aventura.

Como se manifesta o longo treino das meninas?

São orientadas, sem que os adultos o percebam, para servir e cuidar dos outros — para ser maternas — para pôr as necessidades alheias acima dos próprios impulsos. Com os meninos, há muito mais condescendência; respeita-se mais a sua individualidade; há maior paciência com as explosões de independência, com as travessuras, com a agressividade, com todas as manifestações de energia solta e exploração do mundo. Ninguém perturba o lazer ou o jogo puro de um menino; para uma menina, logo se pede que faça pequenos serviços de limpeza, que guarde os brinquedos, que tome conta dos outros, que seja mais ordeira, que não se agite tanto. Das meninas se espera que agradem aos outros, que sejam graciosas, faceiras, mais dóceis e meigas. Por isso, são em geral mais aplicadas, procuram agradar, dedicam-se às atividades mais para receber aprovação que pela atividade em si. A agressividade é desencorajada; não é uma qualidade feminina. As meninas não medem forças com os meninos, não lutam com eles — ou se lutam, nunca se sentem tão à vontade como os meninos entre si, não se expandem livremente. Como não puderam utilizar, de modo mais natural, a força bruta, tentam superar os meninos no campo intelectual e verbal. A agressividade contida, porém, pode voltar-se contra elas e reaparecer de mil maneiras desagradáveis, em sarcasmos, insultos ou argumentação ferina, em mexericos, em inibições, em depressão ou apatia, etc. A impossibilidade de expressar a raiva cria dificuldades na relação com os meninos e mais tarde, com os homens.

A diferenciação entre um caráter feminino e um masculino é mais nítida, principalmente no que diz respeito à aplicação aos estudos, na escola primária e secundária; mas já por volta de cinco anos se comprova a existência de um mundo masculino e um feminino. Os desenhos de meninas, por exemplo, referem-se todos à esfera doméstica: há sempre casas e quase só figuras femininas. Apenas uma menina, espantando a professora, desenhou uma mulher embarcando num navio. Nos dos meninos, há situações muito mais variadas e inventivas e

raras personagens femininas, como se a mulher já não contasse em tudo que é importante, no trabalho e na aventura.

Poder-se-ia argumentar que as diferenças tem origem em dados biológicos. Mas até um ano e meio, menininhos e meninas distinguem-se entre si muito mais pelo temperamento que pelo sexo. Vêm-se, nas creches, meninas endiabradas e ativas, bem como menininhos mais sossegados e contemplativos — mas logo a agressividade destes será estimulada e a daquelas desencorajada. Meninos e meninas são *coquettes* e faceiros nessa idade; nas meninas, porém, esse comportamento é reforçado. Já desde o nascimento há a preocupação de classificar segundo o sexo. Assim como os tupinambás suspendiam um arco e flexa na rede do menino recém-nascido e uma cabaçozinha na da menina, há o azul e o rosa dos recém-nascidos. Esta prática é recente — data de 1929 — e sua rápida generalização só prova o profundo desejo da sociedade de distinguir artificialmente os sexos. Até brinquedos e enfeites para o quarto do nenê são diferentes, móveis de carrinhos e máquinas servindo só para meninos. O primeiro brinquedo de uma menina é uma boneca, enquanto os meninos dormem com ursos ou bichos, como se fosse uma vergonha desenvolver neles o sentimento maternal. E no entanto, se recebessem bonecas, um lado afetivo importante seu teria oportunidade de se desenvolver. Já na amamentação a atitude da mãe não é a mesma com o menino ou a menina. Tem uma maior relação erótica com o filho e estimula a menina a passar muito mais cedo para a mamadeira. É que lhe parece mais natural um homenzinho sugando o seio; com a menina, está subjacente o problema do relacionamento físico com as outras mulheres. Assim, os meninos ficam mais tempo no colo, recebem mais o calor físico e instintivo tão necessário aos nenês, à sua auto-estima e sensação de segurança. Com as meninas, as mães se irritam mais, treinam-nas para mamar mais depressa e dar menos trabalho (e o nenê percebe com incrível acuidade os estados de espírito da mãe), mas desencorajam a avidez ou a vivacidade, querem nenêzinhas delicadas. Por outro lado, como as meninas são consideradas mais moldáveis, às vezes são mais desejadas. Quando são adotadas crianças, as meninas são preferidas, porque podem corresponder mais facilmente ao que os pais esperam delas e não carregam, como os meninos, o mesmo peso de transmissão do nome.

É tão mais valorizado o sexo masculino e os meninos recebem tão mais que as meninas, que aos três anos e meio, se se pergunta às crianças o que gostariam de ser, quase todas as meninas gostariam de ser meninos, mas não vice-versa.

Os jogos infantis confirmam as atitudes da mãe e professoras. Até os cinco anos e meio, meninos e meninas gostam de jogos que reproduzam as atividades domésticas. Nas creches, todos brincam com carrinhos e bonecas, mas logo aprendem quais os jogos "certos". Por exemplo, um menino não consegue que a mãe lhe compre um sabão de lavar roupa no super-mercado, porque é homem. Numa loja de brinquedos, a primeira pergunta da vendedora é se se trata de menino ou menina — e para as meninas estão reservadas apenas as coisas de casa, costura, miniaturas, flores de papel, etc...

Depois dos cinco anos, os jogos dos meninos têm mais imaginação e movimento, seu estilo lúdico é mais agressivo — inventam brincadeiras, brincam de bandido e mocinho, de subir nas árvores, de tesouro, de gular automóveis e comandar navios. São jogos que estimulam a agir sobre o exterior. Os jogos das meninas são mais repetitivos e conforme as regras. Talvez até, avanta Elena Belotti, a agressividade reprimida já se manifeste em formas obsessivas de repetição, como em pular corda ou bater bola.

Em teatro ou dramatização, os meninos e meninas são condicionados a escolher papéis masculinos e femininos respectivamente. Quando num ato de

coragem as crianças se rebelam, a repressão é imediata, por parte do grupo e da professora. Por exemplo, um menino doído para brincar de dona de casa se anima a pedir à professora, que acha uma graça enorme enquanto as meninas o olham com desprezo, ou uma menina pede para fazer o papel de lobo, numa dramatização reservada apenas aos meninos e é obrigada a sentar-se outra vez. Inexiste qualquer possibilidade de viver qualidades diferentes das do estereótipo — e no entanto, seria importante vivê-las e deixar que apareçam, pois correspondem a aspectos da personalidade da criança.

Em suma, o livro de Elena Belotti é fundamental para compreender como uma certa imagem de mulher é transmitida às crianças, imagem que não é nem "natural", nem necessária, e de que os educadores não têm consciência plena. Se queremos que as meninas tenham as mesmas oportunidades que os meninos, desenvolvam todo o seu potencial como seres humanos, sejam criativas e livres, o primeiro passo é mesmo analisar e criticar a multidão de pequenos fatos que vão compondo um modelo ideal tão restritivo.

*Betty Mindlin Later*